

**ROLDÁN, Alberto Fernando. *Do terror à esperança: paradigmas para uma escatologia integral*. Trad. Hans Udo Fuchs. Londrina: Editora Descoberta, 2001. 239p.**

Há uma imensa quantidade de livros sobre escatologia no mercado editorial evangélico no Brasil. A maioria é constituída por traduções. Quase todos são orientados por um método exegético viciado, no qual se força o texto bíblico a concordar *a priori* com as opiniões do (pretensão) exegeta – já se chega ao texto escriturístico com uma conclusão com a qual a Bíblia será forçada a “concordar”. As teologias são confusas, da pior espécie. Desafortunadamente, os livros de escatologia que se enquadram nesta descrição não raro tornam-se *best sellers*.

Neste contexto, *Do terror à esperança: paradigmas para uma escatologia integral*, de Alberto Fernando Roldán, é uma lufada de ar saudável. O autor é argentino; doutorou-se em teologia em seu país, no Instituto Superior Evangélico de Estudos Teológicos, em Buenos Aires, e leciona atualmente no Seminário Teológico Rev. Antonio de Godoy Sobrinho, da Igreja Presbiteriana Independente em Londrina.

A obra é construída em cinco capítulos. No primeiro, Roldán analisa (se bem que um tanto resumidamente) leituras escatológicas de destaque, produzidas no contexto norte-atlântico do século XIX (Ritschl, Harnack e Weiss) e do século XX (Schweitzer, Dodd, Barth, Bultmann, Tillich, Cullmann, Moltmann e Pannenberg). Destaca-se a leitura da escatologia de Cullmann e Moltmann, nomes influentes em mais de uma teologia latino-americana. Este capítulo já mostra a seriedade do trabalho do autor, evidenciando seu esforço em produzir pesquisa de qualidade.

No segundo capítulo, são apresentadas definições e distinções de temas-chave em escatologia bíblica, como, por exemplo, a distinção entre “profecia” e “apocalíptica”. Com palavras contundentes, Roldán critica escatologias populares, infelizmente divulgadas à farta em nosso meio, as quais apresentam uma escatologia linear sensacionalista e especulativa.

O milênio é o tema do terceiro capítulo. Tema periférico – juntamente com o arrebatamento – na revelação bíblica, mas que estranhamente tem ocupado lugar central em muitas escatologias sistemáticas, sejam estas “populares”, sejam até as que se pretendem eruditas. Nesta seção do livro, Roldán apresenta criticamente a história do desenvolvimento da compreensão do tema do milênio, além das quatro possibilidades de articulação da doutrina, quais sejam, pré-milenismo (histórico e dispensacionista), pós-milenismo e amilenismo. Roldán, com propriedade, critica formulações escatológicas centradas no milênio. O autor não economiza críticas ao que chama “escatologia ciência-ficção”, sensacionalista ao extremo, bastante popular entre evangélicos devido à influência massiva do poderoso mercado editorial norte-americano, representado, entre outros, por Hal Lindsey (nos anos 70) e, mais recentemente, pelos romances fantásticos de Tim LaHaye e Jerry Jenkins.

O quarto capítulo é por demais interessante: uma leitura crítica de escatologias latino-americanas. Roldán apresenta três exemplos provenientes da teologia católica (curiosamente, todos brasileiros: Leonardo Boff, João Batista Libânio e Maria Clara Bingemer) e dois exemplos da teologia protestante (o também brasileiro Rubem Alves e o argentino José Miguez Bonino). Isto posto, o autor analisa de maneira criativa a

escatologia expressa em hinos e cânticos evangélicos, utilizados em todo o continente latino-americano. Alguns são traduzidos, trazidos para a América Latina por missionários provenientes do mundo anglo-saxão, sendo cantados igualmente por crentes falantes de espanhol e de português. Roldán analisa também cânticos mais recentes, produzidos no contexto latino-americano hispânico, que evidentemente não são (ainda?) conhecidos dos crentes brasileiros.

Finalmente, o último capítulo apresenta a contribuição propriamente de Roldán à discussão escatológica, que ele denomina "paradigmas para uma escatologia integral". Para o autor, os paradigmas para a construção de uma escatologia integral são os seguintes:

- ruptura epistemológica, com o milênio como o eixo central da escatologia e com o pavor causado pela teoria do "arrebatamento secreto" (é interessante observar que, nesta parte de seu livro, Roldán fundamenta a sua crítica à forte ênfase no arrebatamento em *The Puritan Hope*, de Iain Murray, publicado por The Banner of Truth em 1972. A propósito, vale dizer que os puritanos eram "otimistas" em sua escatologia, salvo um ou outro que defendia o pré-milenismo histórico, em geral pós-milenistas);
- superação de dicotomias (entre corpo e espírito, entre presente e futuro, entre Israel e a Igreja, e entre a Igreja e o mundo);
- renúncia à especulação;
- opção pela esperança;
- o aspecto trinitário da escatologia;
- o aspecto missiológico da escatologia.

Completam a obra quatro apêndices: 1) A epistemologia escatológica de Wolfhart Pannenberg; 2) Uma ética escatológica: a proposta de Carl E. Braaten; 3) Iminência e atraso da parusia na teologia paulina e 4) Temas escatológicos na literatura latino-americana. Este resenhista apreciou sobremaneira este último apêndice, no qual Roldán apresenta temas escatológicos encontrados em obras de escritores como o peruano Mario Vargas Llosa, o mexicano Octavio Paz, os argentinos Ernesto Sabato, Jorge Luis Borges e Leopoldo Marechal.

A obra merecia uma revisão editorial mais cuidadosa. Percebem-se vários "cochilos", como falhas em traduções (p.65: "colores" em vez de "cores"; p.92: "predicação" em vez de "pregação"; p.128: "la" em vez de "a"; p.181: "padres" em vez de "pais"), erros ortográficos (p.70: "persecução" em vez de "perseguição"; p.147: "neurálgico" em vez de "nevrálgico"; p.179: "domino" em vez de "domínio"), grafias de nomes próprios (p.67: "Paul" em vez de "Pablo"; p.185: "Negren" em vez de "Nygren").

Não obstante, o livro é de valor. Alberto Roldán é, certamente, uma promessa de continuação e renovação da teologia evangélica latino-americana de qualidade.

- Carlos Ribeiro Caldas Filho